

UMA ALDEIA DA JAVA.

O INSIGNE historiador João de Barros descreve nos seguintes termos a ilha de Java: cap. 4.^o do L.^o 9.^o da 2.^a Dec.— «A terra Javha he huma ilha que está ao oriente de Çamatra: tão vizinha a ella que entre ambas fica um estreito, que será de largura até quinze leguas. O lançamento desta ilha Javha he quasi pelo rumo de Levante a Ponente, tem a primeira ponta occidental em altura de seis graos do pôlo do Sul, e em sete e meyo a outra oriental: e aqui faz outro boqueirão, porque se vão continuando a esta primeira huma corda dellas grandes e per grande espaço contra o oriente. Terá de comprimento esta ilha Javha cento e noventa leguas e da largura não temos certa noticia por aquella face do Sul não ser ainda per nós navegada: e segundo fama dos naturaes, toda a costa daquellea parte, por razão do grande golfão do mar do Sul, é de poucos portos, e estes que habitam a parte do Norte não se comunicão com o gentio daquellea costa, cá per meyo da ilha ao comprimento della corre huma corda de serrania que os impede, e todavia dizem que a largura desta ilha será o terço de seu comprimento. Geralmente he povoada de povo idolatra, a que chamam Jâos do nome da terra, gente da mais polícia daquellas partes, a qual segundo elles dizem vejo ali povoar da China: e parece dizerem verdade, porque no parecer e no modo de sua polícia imitam muito aos Chiis, e assi tem cidades cercadas, e andão a cavallo, e tratão o governo da terra como elles. Porém despois que mouros de Malaca navegarão a ella, de mercadores pouco e pouco se fezerão conquistadores, tomando posse das cidades portos de mar, com o que o gentio ficou sem

navegação: e por causa da guerra que lhe os mouros faziam, começarão de se recolher pera dentro da terra ao pé da serra que dissemos.» — Tal era o estado da ilha em tempo de Barros; antes de tratarmos da actualidade, em que ella está mais conhecida; como por vezes se falla em Çamatra [ou Sumatra á moda d'agora] trasladaremos algumas palavras d'outro nosso mui abonado classico, o P.^e João de Lucena, no cap. 10.^o do Liv. 3.^o da Vida do S.^o Xaver.

«A Samatra, que lhe responde logo (*á peninsula de Malaca*) da parte do Sul ouveram os antigos por continua á terra firme da maneira que dissemos o está a ponta, em que he o sitio da mesma Malaca. E assi lhe chamaram Aurea Chersonesso, que he o mesmo que quasi ilha d'ouro; quasi ilha, pola temrem por essa, e d'ouro polo muito que nella se tira nas comarcas de Monancabo, e Barros. Na verdade porem ella não he quasi ilha, mas huma formosa ilha de duzentas e vinte leguas de comprimento, e na mór largura de setenta: onde assi a cõrta pelo meyo e ao viés a linha Equinocial, que vem ambas a fazer a figura de uma aspa, ficando a ponta mais occidental da ilha em quatro graos e tres quartos da parte do Norte, e a mais oriental em seis da do Sul; pela qual vizinha com a Java, que he outra ilha grande, lançada per espaço de cento e vinte leguas de Levante a Ponente; e ahi faz com a de Samatra um estreito de quinze leguas de largura, que era antigamente o canal da navegação daquellas partes orientaes; onde os Jâos são a gente de mais polícia no trato e governo, e mais cavaleiros e esforçados na guerra.»

2.^a SERIE — VOL. III.

O canal, designado por este ultimo escriptor, é o famoso Estreito de Sunda, formado pelo angulo noroeste da Java com a extremidade mais meridional da Samatra, e que une o oceano indico com o mar da Java: esta, que na ordem da grandeza é a terceira do vasto archipelago da Sunda, mas a primeira por sua importancia, tem uma superficie avaliada em cincoenta mil milhas quadradas, isto é quasi a mesma que a de Inglaterra. O seu terreno é fundo e de extraordinaria fertilidade, sendo comtudo os districtos orientaes mais avantajados em producção que os da banda do poente. Nenhuma das regiões vizinhas, especialmente a Samatra e a peninsula Malaia, pôde comparar-se á Java a este respeito: as melhores terras dão cada anno duas colheitas com mui pouco amanho; o torrão mais pobre remunera sempre o trabalho do lavrador.

Na Java, como nos demais paizes d'entre os tropicos, divide-se o anno nas duas estações, humida e secca, as quaes dependem dos ventos periodicos; alli de ordinario cahem as chuvas mais carregadas em dezembro e janeiro, e o tempo mais enxuto é em julho e agosto. O clima tem sido reputado sempre o mais insalubre do mundo, e posto que haja exageração, é na verdade muito doentio, principalmente em Batavia.

As numerosas ilhotas espalhadas na immediata vizinhança de Java, particularmente ao longo da costa do norte, com suas pontas e promontorios fecham diferentes bahias, que contribuem para formar portos de varias capacidades.

Os europeus que dominam a maior parte da Java são os hollandezes, que se estabeleceram em toda a costa septentrional, assim como em ambas as extremidades da ilha. A costa do sul e terrenos contiguos estão repartidos entre dois soberanos indigenas, o Susuhunam ou imperador, e o sultão; seus estados são os mais ferteis e tomam apenas a quarta parte de todo o territorio. — As possessões hollandezas repartem-se em 17 provincias; ainda que nalgumas regem os principes naturaes e hereditarios, pagam comtudo tributo á Hollanda. As principaes cidades tem assento á beira-mar.

A população, alem dos europeus consta de jaos aborigenes, de malaios com elles misturados, e de chins: ao todo sommat quatro a cinco milhões; os estrangeiros que alli dominam não passam de cem mil segnndo uma conta feita em 1815.

Batavia, capital europea da ilha tem boas fortificações, é bem edificada e cortada de canaes, em sim à similitude de uma cidade d'Hollanda; tem porto commodo e frequentado. O calor é insuportavel, bem como a praga dos mosquitos; servem as doenças, a mortandade é espantosa: estas causas e a decadencia do commercio, extraviado pelo que se faz em Singapura e nas colonias inglezas da Australia (*), tem produzido grande quebra nesta cidade, que se acha reduzida a um terço de sua antiga povoação. Foi tomada pelos inglezes em 1811, porem restituída á Hollanda em 1816.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970

5.

MAS Azzahrat por condão de encantamentos já tinha conseguido a conseguir que o conde, que a não co-

(*) Vid. a pag. 122 do vol. 1.^o da 1.^a Serie.

nhecia, delirasse por ella em sonhos; e se cuidasse trahido pela mulher quo elle amava — a infanta de Navarra.

Sempre agitado este homem! Agitado pela caça, pela apparição do monge, pelo ciume e o amor, pelo perigo e pela guerra! Ah! estes frequentes contrastes, commoções, e sobresaltos, este matiz de successos, estas vagas da fortuna, estas variações de scena, estes vaivens da esperança, estas surpresas do acaso para as imaginações ardentes são o paraíso da terra: o repouso é-lhes tormento, e a inacção o proprio inferno.

Mas parte, ou não parte o conde?

— Pagem! que me arreiem o meu cavallo. Mas espera: vai primeiro dizer ao servo de Deus, ao monge Fr. Pelayo, que lhe quero ouvir a missa, e tomar a santa benção antes de me ir aos insieis.» E o pagem levou o recado. E o conde ouviu missa e confessou-se. E depois disse para o monge: «Homem santo, se houver victoria, heide colmar de riquezas esta ermida pobre. Quero que S. Pedro de Arlança (*era a invocação da ermida*) se erga a mosteiro poderoso; e quero tambem que os meus ossos, e os ossos de mais alguem... [e aqui lembrou-se do sonho; mas passou como relâmpago esta lembrança confusa] de mais alguem... descansem nesta morada.»

— Amen! [respondeu o monge] O Senhor vos dê victoria.»

E partiu o conde.

Já era tempo de partir. Mas que querem? Não havia de preparar christãamente a sua alma? Quem lhe afflancia que a frecha do berebere, o alfange do mouro, ou a lança do cavalleiro de Cordova o hão-de respeitar na refrega? E — incomparavel tia Josefa! — agora sim [mas só agora] poderás tu besbelhotar á tua vontade, e badalar pelas casas, pelas portas, pelas ruas, pelas praças, pelos becos, pelas tascas, por todas as tascas de Burgos quanto se passou na ermida de S. Pedro de Arlança; e dizer o fervor christão do teu nobre senhor, e contar, repetir, commentar, amplificar o acto piedoso e devoto; e fazer figas ao Diogo bêteiro, aquelle velhaco travesso e excommungado, que te queria empatar as vasas no arraial; e predizer os successos, e preservar os christãos, e espatifar os mouros; e ganhar, — muito honrada mulher, e muito fiel gazeta do conde Fernão Gonçalvez, — ganhar com o suor do teu rosto os tantos soldos, que bem sabes tu que te não cahem das nuvens, mas que passam da bolça do mui nobre cavalleiro para as tuas mãos, e das tuas mãos para uma area velha e escondida — bem escondida! — onde os récolhes, onde os amontoas, onde os empilhas, onde os visitas, onde os adoras. Onde os adoras, porque, aqui entre nós, eu não te conheço outro Deus: tu rezas, tu ouves missa, tu confessas-te, tu pões-te de joelhos e fazes devotamente oração a qualquer nicho que encontras; tu andas sempre com os santos na boca, e as camandulas ao pescoco, imcomparavel tia Josefa! mas no coração trazes outra cousa [balado é singir-te, que a mim não me embalam as tuas comedias ao divino] — o pensamento nunca o tiras d'ao pé do teu thesouro.

A marcha.

Caminho de Osma vai marchando a hoste do conde de Castella; que nas cercanias daquelle povoação estavam [pelas pesquisas dos corredores] reunidas

as forças do califa de Cordova sob commando de al Mudhaffar, o victorioso, um dos seus melhores generaes. O troço ou partida de cavalleiros mouros que na vespera tinham sido avistados pelos almogavares do conde, e obrigado estes a retirar-se, e trazer ao campo christão o alarme de «inimigos», haviam, de feito, adiantado-se até tres leguas de Burgos; ao que parecia com o fim de mero reconhecimento: e depois disso, provavelmente, regressaram logo ao seu campo; porque as tropas christãs, que iam já a quatro leguas sómente de Osma, não tinham em todo o caminho encontrado uma lança sequer dos infieis. Seguiam estas a sua marcha. Chegaram até duas leguas do arraial inimigo; e ahi esperou a cavallaria pela armatoste que vinha mais retardada. E já iam desconfiando de que o rebate da vespera fosse falso, quando ao longe se descobriu uma espessa nuvem de pó, que dissipada em breve deixou ver a extensa linha da cavallaria arabe, avançando para a pequena hoste do conde; segundo a esta se afigurava.

A pouca distancia um do outro, pararam os dois exercitos. O castelhano com arrazoado numero de béstios e peões armados de fundas, de chuçás, e de ascumas, ou pequenas lanças arrojadiças — contava apenas em cavalleiros — que eram naquella idade o nervo e fundamento da milicia, e os que decidiam da sorte da guerra em campanha raza — dois mil; em quanto o exercito contrario appresentava vinte mil. Apesar desta desproporção de forças, que o adail Gonçalo Dias tanto temia, segundo vimos, o conde tinha animosamente vindo procurar os invasores; e achava-se na presença delles. O inimigo tambem vinha em busca do conde. Porem marchava em direitura a Burgos que era onde esperava encontrar-lo; acontecendo, contra a sua expectação, deparar-se-lhe logo á saída de Osma o mesmo exercito que cuidava mui distante.

Esta circumstancia imprevista, que em qualquer tempo daria motivo a surpresa; naquelle epocha de superstições e agouros era bastante para causar até receios. Teve-os al Mudhaffar, e grandes, segunndo logo explicaremos; e não quiz começar a batalha sem primeiro recorrer a certas praticas quasi religiosas, e desalliviar-se de alguns eserupulos, ou presentimentos que lhe pezavam no animo.

A doutrina do fatalismo, consagrada no alcorão, tyrannisava a intelligencia de todos os sectarios do propheta, influindo e determinando as suas acções por impulso sempre estranho ao juizo proprio, que é a regra e guia natural dos actos de cada um. E como o mahometano não confiava neste guia, por lhe não descortinar os arcanos do destino; tinha de consultar outros que podessem revelar-lh'os, porque sendo o destino infallivel de sua essencia, era mui conveniente conhecer de antemão o que elle havia ordenado.

Fieis a esta crença, e governados por ella, os arabes não commettiam nem cousa importante, nem empreza que fosse de perigo, sem consultar primeiro as intelligencias celestes, ou as potencias occultas, pelos interpetres legitimos de umas e outras; e era por isso que aos seus exercitos acompanhavam sempre, como entidades indispensaveis, adivinhos, ou astrologos. Al Mudhaffar trazia consigo o astrologo Albumazar. E ainda que abd el Rahman, antes de ordenar a invasão contra Castella, se houvesse dirigido a outro astrologo para saber qual seria o resultado desta tentativa, e só depois de lh' o ter presagiado feliz, elle se determi-

nasse a pô-la por obra; al Mudhaffar vendo a chegada do inimigo quiz, antes de dar principio á batalha, pedir novamente o horoscopo ás observações astrologicas; parecendo-lhe porventura que seria mais seguro o prognostico no proprio terreno, onde o successo se havia de realizar.

Alem dos prejuizos e costumes arabes, e da tendencia dos espiritos para as cousas maravilhosas, que era geral naquelle epocha; havia motivos particulares que induziam o general do califa a valer-se deste meio. Al Mudhaffar era um cabo de guerra tão habil quanto experimentado: tinha combatido com fortuna contra os exercitos christãos em Leão, e d'outras partes: mas agora pela primeira vez se ia arrostar com o mais intrepido capitão da Hespanha. E o desgarro e ousadia com que este, em vez de esperar em Burgos o ataque, se resolvèra a tomar a offensiva, vindo appresentar-lhe batalha nos plainos de Osma, tinham-no desapontado e até sorprehendido. Sobretudo, um sabio com quem tratava intimidade, muito versado na arte cabalistica, lhe havia revelado — sob promessa de segredo inviolavel — que na propria corte de abd el Rahman existia pessoa muito poderosa por sua valia com o califa, e talvez ainda mais por seu commercio com os seres sobrenaturaes, a qual protegia ao conde de Castella, e se interessava com extremoso empenho na gloria deste infiel. Quem essa pessoa fosse não soube dizer-lh'o aquelle amigo; que a tanto não alcançava o poder da sua arte. Mas assim mesmo, tão extraordinaria revelação fôra bastante para causar sérias apprehensões no animo de al Mudhaffar, e decidi-lo a interrogar o astrologo antes de se entregar aos azares de um combate.

Albumazar.

— Estais só, padre? [Perguntava al Mudhaffar, batendo á porta do aposento do astrologo].

— Nenhum mortal me interrompe nos meus trabalhos: podeis entrar [respondeu este].

Al Mudhaffar entrou. O astrologo tinha abertas diante de si as taboas astronomicas de Albatenius: e tinha tambem alli, entre outros manuscritos, uma traducção do Almagesto de Ptolomeu, e outra das obras de Archimedes, por Thebit: e entre varios instrumentos, um gnomon, e um como astrolabio muito informe.

— Estais fazendo alguma indagação importante? [perguntou o general].

— Procuro conhecer pela sciencia celeste o exito da batalha, proxima a pelejar-se [respondeu o astrologo].

— É precisamente esse o ponto sobre o qual venho consultar-vos, meu padre. E que vos diz a sciencia? [lhe tornou al Mudhaffar].

— As minhas averiguações ainda não estão concluidas [respondeu o astrologo]; mas pelo que até agora tenho podido colher, o aspecto dos astros não nos é desfavoravel; salvo contudo se algum poder superior transtornar o influxo benefico que elles prometem.»

A estas palavras «algum poder superior,» que Albumazar empregava provavelmente como ressalva para o caso de lhe falharem os signos celestes — estremeceu al Mudhaffar, o qual muito impressionado da revelação, que segundo vimos, lhe fizera um amigo, as interpretou de maneira a aumentar os seus receios: e o astrologo, que olhando-o ao sossolo, lhe entendera no gesto o sossobro do animo;

como homem que apesar de costumado a ler no livro dos céus, não se desdenhava de abater o seu vôo para a terra, e procurar neste pequeno mundo sublunar as informações que lá em cima lhe faltavam — entrou, segundo reza o provérbio, a deitar barro á parede; e prossegui:

— As circumstâncias externas quando são decisivas, meu filho, não só podem modifiscar a disposição dos planetas; mas até muitas vezes auxiliar o sabio no descobrimento dos arcanos mais sublimes: podereis responder-me a algumas perguntas que vos vou fazer?

— E quais são elas? — Ouvi-las hei.

— A que horas chegou ao campo a hoste dos infieis? [perguntou o astrologo].

— Às dez da manhaã [respondeu al Mudhaffar].

— Às dez da manhaã!... [repetiu, pensativo, Albumazar].

— E em que proporção numerica está com a nossa a cavallaria dos christãos? [continuou, perguntando].

— Na de um para dez [replicou o general].

— Na de um para dez!... [repetiu o astrologo com ar de meditação profunda].

— E podeis dizer-me [continuou Albumazar] se apesar de pequeno em numero, o inimigo dá mostras de confiado e seguro? [A esta pergunta, um calafrio correu pelo corpo todo de al Mudhaffar, e uma nuvem de terror lhe passou rapidamente pelo semblante; mas não tão rapidamente que os olhos scrutadores do astroólogo a não enxergassem na passagem].

— Tão confiado e seguro [replicou al Mudhaffar com voz alterada], que vem aqui atacar-me, em vez de me esperar em Burgos, onde eu tencionava combate-lo.

— São factos importantes [tornou Albumazar] os que acabais de me referir: devo peza-los com muito escrupulo na balança das minhas combinações. Vou traçar outra figura planetaria, para tirar o horóscopo segundo as regras prescriptas pela arte divina.

— Mas o tempo urge, meu padre; a batalha não pôde tardar muitas horas que comece (*the atalhou al Mudhaffar com signaes manifestos de desapontamento e impaciencia*). Escutai-me esta só pergunta. Se fosse possível [eu nem o assevero, nem sei mesmo se pôde acontecer]; se fosse possível que ao general inimigo patrocinasse uma potencia invisivel, qual seria, meu padre, no vosso profundo e respeitável conceito, o éxito de um combate com elle?»

Esta pergunta foi um clarão que iluminou repentinamente o espírito penetrante do astroólogo; o qual, tomando como facto verdadeiro aquillo mesmo que al Mudhaffar lhe encobria sob o véu de uma simples suposição, respondeu logo em tom firme:

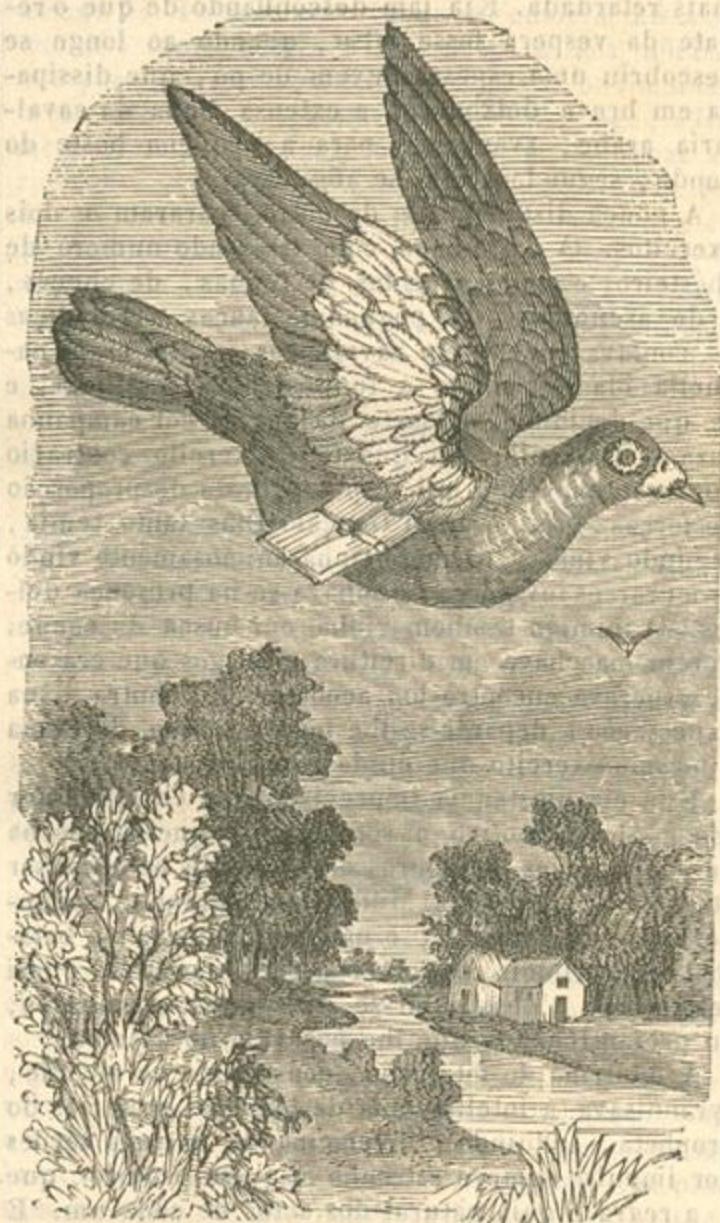
— O combate seria disputado: mas sem embargo disso, a victoria a final caberia ao estandarte do propheta; bem entendido, se o general musulmano evitasse um encontro singular com o do inimigo, quer dizer, se evitasse medir-se com a potencia invisivel; porque se chegassem a cruzar o alfange com ella, não afiançaria eu, em tal desequilibrio de forças, um bom resultado.»

Al Mudhaffar ficou pensativo e melancólico com a predição do astroólogo: e este julgando quebra da sua profissão ter prognosticado segundo uma hypothese ou thema ficticio; e considerando, depois de ter lançado todos os compassos da prudencia humana, a conjuncão opportuna para pronunciar por

sua conta e risco o oráculo da sciencia divina—levantou vagarosamente os braços e a cabeça para o céu, e exclamou com a unção de homem inspirado: « Marte hesita entre o angulo oriental e a porta superior: fugi, meu filho, de encontrar-vos a sós com o conde de Castella. » — Ainda bem não tinha proferido o oráculo, quando batêram á porta. Era um official que procurava a al Mudhaffar; o qual teve então de retirar-se, sem haver tranquilizado as apprehensões proprias; mas não sem ter beneficiado a fazenda alheia, isto é, as algibeiras de Albumazar.

(Continuar-se-ha).

A. d'O. Marreca.



O POMBO MENSAGEIRO.

DESDE remotas épocas, segundo o testemunho de graves historiadores, se empregou no transporte de correspondencias epistolares o pombo-correio (*columba tabellaria*) nessas terras tão abundantes de maravilhas e poesia, as regiões de Levante. As largas distâncias de um a outro districto habitado, e a imperfeita natureza de outros meios de communicação, fez que os orientaes se valessem daquelle recurso. Os pombos tabellarios são d'uma especie particular; muito mais reforçados, de maior envergamento d'azas e rijeza de vôo que qualquer das castas ou variedades dos pomos ordinarios; são completamente proprios para o ensino e mister que lhes dão.

Ouçamos o que diz em tal materia um viajante nosso; Antonio Tenreiro, *Itin.* cap. 39. — « Che-

gamos a esta casa que já disse que está situada entre uma serra alta e o mar, é de piçarra e pedra; que atravessa este deserto que forçadamente todas as casas e caminhantes, assim as que vão para Egypto, como também as que tornam para Jerusalém, não tem outro passo por onde passar senão por este. E em esta casa está sempre um alcaide mouro, que não deixa por elle passar ninguem até que lhe não dizem quem é e a que negocio vai. Em esta casa se desceram os turcos, que me levavam preso, e logo lhe disseram o negocio a que iam, e como me levavam preso ao senhor Abraem baxá: e como lhe disseram, logo escreveram uma tirasinha de papel, e tiraram uma pomba de uma gaiola em que estavam outras, e lha ataram debaixo de uma aza, e sahindo-se fóra de casa a soltaram, a qual se elevou voando mui alta e desapareceu: e em pequeno espaço chegou á cidade do Cairo a casa de um mouro, onde ha outras pombas, que para este mister tem ensinadas, e lhe tiro o escripto e o levou logo ao dito Abraem baxá. Apoz esta pomba partimos logo e andámos tres jornadas pelo deserto . . .»

CULTURA E INDUSTRIA.

Um livro práctico, escripto sem pretenções de auctor, e só com o fito na utilidade publica, é um presente que todos agradecem, e de que tiram documentos os que tem immediato interesse no ramo a que é consagrada a obra.

Quando a nossa Academia publicou o «Manual práctico da sementeira e tratamento dos pinhaes» escripto pelo benemerito socio falecido, o Sr. Varnhagen, logo o apontámos aos nossos leitores. — O Sr. Tinelli acaba de imprimir no Porto — A arte de cultivar a seda — opusculo que á semelhança do primeiro encerra muita doutrina em breve espaço, e igualmente ao alcance de todos pela clareza da expressão, e pela barateza do custo. — Convém muito estudar este folheto; e para dar a importancia devida á materia de que trata appresentaremos as seguintes considerações de seu filantropico auctor.

Utilidade da cultura da seda em Portugal.

Não ha duvida que a benignidade do clima e as qualidades do solo principalmente nas provincias do norte de Portugal favoreceriam particularmente a producção da seda n'este reino, se esta fosse devidamente comprehendida: como é tambem geralmente reconhecido que o pequeno jornal dos trabalhadores, a decadencia do commercio dos vinhos, e a falta d'outros recursos commerciales, tornam, se não necessário, ao menos bem desejável que se introduzam em Portugal novos ramos de industria agricola e se abram novas fontes de riqueza publica.

Apezar dos grandes promovimentos, que assignaram o ministerio do marquez de Pombal e de outros nobres estadistas; por motivos que hoje já não existem, a cultura da seda foi completamente despresada, de modo, que, até para o consumo interior, este reino é obrigado a importar annualmente quantidades de seda crua e manufacturada da Italia, da Hespanha e de outras terras.

Dois parecem-me ser os obstaculos principaes que se oppõem a introduzir promptamente a cultura da seda em Portugal: isto é, a falta de conhecimentos praticos para crear os bichos da seda e para fiar os casulos, e a falta de convicção da parte

das pessoas do campo da utilidade e proveitos d'esta industria.

A utilidade de se estabelecerem em Portugal fiações de seda pela forma das italianas, juntamente com grandes creações de bichos e plantios de amoreiras, segundo os methodos e melhoramentos recentes admittidos na Italia, na França meridional e noutras regiões, não pôde ser matéria de questão.

Em alguns districtos d'este reino, e nomeadamente em Traz-os-Montes, já a seda é um ramo de industria agricola para as familias pobres, e muito mais o foi já, antes das invasões estrangeiras e turbulencias das guerras civis. Estas mesmas amostras, que só esse nome se pôde dar ao que hoje abi se apura, e que se vão vender ás cidades de Lisboa e Porto, onde servem para retrozes, são de mui pouca monta assim em razão da quantidade, como pela qualidade, muito inferior ao que poderia ser, se os lavradores e proprietarios mais instruidos se aplicassem a isto, e repartissem com os pobres e ignorantes o poucoxinho de conhecimentos, que bas-ta, para d'este ramo se colher bom fruto.

As pequenas quantidades de seda, que já cá se produzem, e as experiencias feitas teem provado, — que a amoreira prospéra por cá ás maravilhas, bem como que a sua copiosa reprodução de folhas afflanta duas boas colheitas em cada um anno, o que até hoje nem na Italia septentrional, nem na França se logrou ainda.

Plantei eu em fevereiro passado no meu quintal alguns milheiros de amoreirinhas das minhas duas castas favoritas (*multicaulis* e *macrophilla*). Decotei-lhes a hasteasinha muito por baixo deixando só um olho. Por meado de maio, não obstante a frialdade do tempo, eram já arbustinhos de seus dois palmos, retocados de folhas lindissimas. D'este mesmo plantio pude colher pasto, que bastou para nutrir uma quantidade não grande de bichos [poderiam andar ao todo por uns seis mil], parte de semente de Traz-os-Montes, parte de semente da Lombardia, e parte da casta branca de Novi. Mau grampo aos obstaculos, que tive de vencer n'este primeiro experimento, principalmente resultantes do desabrido da estação, e da carencia de uma cama-ra com lume, ao menos para as primeiras tres idades dos meus fandeirinhos, não podia haver um successo mais satisfatorio. Não perdi de todos os meus bichos senão um numero muito insignificante, e ainda esse por causas puramente accidentaes: e nunca vi em dias de minha vida casulos mais formosos, mais fortes e de fèbra mais fina do que estes. Alguns entendedores, que observaram esta minha primeira experiencia, e o que ella deu de si, festejaram-n'a com todo o genero de encarecimento.

Por aqui se mostra aos de entendimento empêndido, quão faltas sejam de substancia as duvidas, que se poem contra a utilidade d'este fabrício. Tão pouco é verdade o que para si teem alguns lavradores, de se não poder dar esta cultura sem detri-mento ou destruição de outras, com que se elles mantem. Por quanto, para plantar amoreiras não se ha mister de extirpar vinhaes, nem de perder algumas carradas de milho. Em se aproveitando bem o terreno, e havendo um poucoxinho de industria, concilia-se tudo. — Os antigos adoravam a deusa Tellus ou Terra como secunda mã de todos os regalos da vida.

Dêmos portanto, por exemplo, que um pobre rustico não possa crear na sua choupana mais que só mente duas onças de semente de bicho, que vem a

ser obra de 78 mil bichos. Para manter esta pouquidate basta que cerque o seu campo ou quintal, ou qualquer outro espaço de terreno, com mil até mil e duzentas plantas de amoreiras de anno; as quaes, a cabo de dois annos, lhe darão, quando menos, tres mil arrateis de pasto, que serão muito bastante para a quantidade de bichos sobredita. Os casulos, que ha-de obter, serão termo medio 150 a 160 arrateis: — calculando os casulos só a 300 réis, por arratel, achar-se-ha, que um divertimento, que durou causa de seis semanas, e que o foi tanto para o marido como para a mulher e filhos, lhes rendeu perto de cincuenta mil réis. Que nos mostrem no campo trabalho aspero e mais continuado, que offereça tamanha recompensa.

Para os proprietarios mais favorecidos pela fortuna e que podem emprehender a criação dos bichos em uma escala mais extensa offerecemos o calculo seguinte fundado sobre os dados mais certos de uma consumada experientia.

Supponha-se uma geira de terra toda plantada com arbustos d'amoreiras em bosquel á maneira de um como xadrez de rhombos. Dando ás amoreiras uma conveniente distancia cremos, que a dita plantação poderá conter causa de dez mil arbustos. A quantidade de folhas que darão no segundo anno de plantação será, o termo medio, quinze mil libras. Sabe-se que os bichos de uma onça de semente consomem antes de fazer o casulo, perto de 1500 libras de folhas, e dão o producto de 80 arrateis de casulos, e talvez mais; de maneira que as folhas apanhadas n'uma só geira de terra bastarão para criação de dez onças de semente de bichos de seda, cujo producto pode-se calcular a 800 arrateis de casulos, e estes a razão de 300 réis por arratel R. 240.000. D'esta quantia deduzir-se-ha algumas poucas despezas para a cultura das ditas amoreiras e para o trabalho da criação dos bichos durante o periodo de cinco ou seis semanas. Deve-se tambem calcular que não só a sobredita quantidade de folhas será dobrada em dois annos pelo crescimento natural dos arbustos, mas que em muitos casos se poderá obter uma segunda colheita no mesmo anno.

BALÕES OU MACHINAS AEROSTATICAS.

6.^o (*)

EIS-ME pois estendido no chão, atordoado da queda, e afflito por me achar em um paiz desconhecido e deserto, em um terreno arido, e cuja dureza o meu corpo tinha provado, não tendo outra companhia mais do que matus incultos. O céu sim estava lindamente estrellado, e em toda a sua riqueza e formosura; mas eu ojulgava irado contra mim por me negar aquelles auxilios, de que tanto precisava em tão critica circunstancia.

Recobrei comtudo subitamente a minha coragem natural, e que jámais me desamparou em occasões similhantes, e tomei a resolução de me emcaminhar para onde tinha visto o fogo, persuadido que encontraria alguém que quizesse soccorrer-me.

Andei algum tempo com passos vagarosos por aquelles abrolhos, seguindo ora um trilho, ora outro, quanto mo permittia caminho tão escabroso e difícil, dirigindo-me pelo reflexo, que fazia no céu, o fogo que não podia ver, por causa dos montes que ficavam entre nós; até que por sim abandonei este

projecto pela sua difficuldade, pois que conheci ser muito distante a queimada, que eu procurava, como asylo; o que depois verifiquei sabendo com certeza que distava mais de duas leguas.

Posto que não houvesse luar, comtudo a claridade do céu me allumiava quanto bastava para distinguir a área que branqueava entre o matto. Fui por tanto apressando os passos, e com uma grande faca na mão, e ao acaso, me encaminhei pelas veredas que me pareceram mais praticaveis, e mais livres de espinhos e arbustos. Prosegui o meu caminho pelas margens de uma especie de rio secco, ou vallado; até que finalmente achei um terreno arenoso, mas muito mais solido do que o primeiro, e mais commodo; e tendo distinguido um caminho, que na sua alvura sobresahia aos outros, certifiquei-me ser esta uma vereda segura para me conduzir a algum povoado. Verificaram-se as minhas induçções, e fui parar a uma eira, na qual achei algumas montes de palha, e no fim uma grande cabana. Entrei nella; chamei por alguem que me acodisse; mas ninguem me respondeu. Contigo a ella havia um bellissimo pinheiro, que tinham principiado a cortar, e outros já todos despedaçados, pelo que conclui, que ao menos na circumvisinhança havia gente; e animado pela maior solidez da estrada, continuei a minha derrota a toda a pressa, e com aquella ancia que exigiam as circumstancias em que me achava.

Pouco desviada da estradaachei outra choupana rodeada de palha: gritei, e como ninguem me respondesse, conheci ser inhabitada. Quiz comtudo demorar-me nella para tomar algum descanso, de que tanto necessitava, mas como estava muito esquentado pela fadiga do corpo, e pelos trabalhos do espírito; e alem disso vestido da minha farda, muito leve, receei expôr-me á intemperie do ar, assaz frio, e capaz de me fazer algum damno. Por isso animado e convidado pela serenidade da noite, e pela facilidade da estrada em subida pouco arenosa e muito solida, prosegui o meu caminho, até que por sim cheguei a avistar uma luz, que sahia por uma porta mal fechada.

Os transportes de alegria, que a minha alma sentiu neste venturoso momento, são superiores a todas as expressões mais energicas da eloquencia, e por tanto, aquelles que se acharam em similhantes circumstancias são os que podem fazer um juizo exacto da minha consolação.

Corri com toda a velocidade para a cabana, e aos meus gritos acodiu um cão, que furiosamente sahia della ladrando, e me veio ao encontro.

Habitava nesta pequena casa um lavrador com um criado, os quaes achei comendo melancias. Depois de os ter saudadõ, lhes roguei, em nome de Deus, que se não assustassem de ver um official só, aquellas horas, e naquelle logar. Elles se levantaram, e eu assentando-me sobre um pedaço de cortiça roguei-lhes fizessem o mesmo.

Informei, como pude, o lavrador em que maneira tinha vindo pelo ar em uma machina aerostatica, e o persuadi desta verdade sem muita diffuldade.

Com a generosidade, e sinceridade de um bom camponez, me offereceu da sua cêa, mostrando grande pena, por não ter nem pão, nem vinho, para dar-me. Agradeci-lhe tão boa vontade, e lhe pedi, que tornasse tão bons officios em procurar-me um logar commodo, e uma cama, onde podesse repousar o corpo cansado de tantas fadigas e trabalhos.

(*) Prosegue de pag. 36 a Viagem de Lunardi.

Annuindo aos meus rogos, depois da cêa, pegou na sua espingarda, chamou o moço, e fechada a porta da cabana, me conduziu á outra que eu tinha encontrado no meu caminho, atraç da qual havia um máu enxergão debaixo de uma arvore: estendeu sobre elle o meu capote, e me quiz persuadir que podia dormir naquelle logar com toda a tranquillidade e segurança, pois que o ar era muito saudavel. Não segui o seu conselho, recendo aquelles mesmos perigos, cujo temor me tinha obrigado a seguir a minha derrota, logo que desci do globo, e que já disse.

Convencido o lavrador dos meus justos motivos, levou o enxergão para dentro da cabana contigua, onde me lancei logo sobre uma cama, que em outras circumstancias, não convidava a ninguem, pela sua morbidez, e aceio; mas naquellas em que eu me achava, era mais que optima, supposto o meu cançao, e moimento: o bom lavrador teve o cuidado de me cubrir com o seu capote.

Serei notado pelos meus leitores de ingrato a tantos beneficios recebidos, quando lerem que cheguei a desconfiar da sinceridade, e bom coração do meu bemfeitor: estou porem certo, que lhes mereceria compaixão, e desculpa, quando souberem os motivos, que me moveram a uma desconfiança tão pouco honesta em apparencia.

O vê-lo armado de uma espingarda, a lembrança que logo me ocorreu de certa pergunta, que elle me tinha feito, se havia perdido tambem o relogio entre as outras cousas, que me tinham cabido da barca; ouvir fallar com o moço com termos inintelligiveis; tudo isto obrigou a levantar-me com a precipitação propria da commoção, que sentia, e a servir-me do pretexto de me ser impossivel dormir em um logar tão exposto ao ar, para o mover a que levasse o enxergão para aquella mesma casa, aonde o tinha achado.

Parsuadido pelas minhas supplicas, e talvez mais por algum dinheiro, que então lhe dei, poz a cama em o logar que tinha pedido, e tendo-lhe dado as boas noites, lhe pedi, que ao romper da manhaã me viesse chamar.

Tranquei a porta com duas grossas trancas, que por acaso achei, e assim com toda a segurança pude gozar de um sonno saborosissimo, do qual despertei pelas quatro horas da manhaã.

As cinco veio o meu hospede a accordar-me: levantei-me com bastante trabalho, pelas muitas dores, que soffria, effeito dos trabalhos do dia antecedente, e da dureza da cama, em que tinha dormido.

Conduzindo-me de novo á sua cabana, quiz que montasse no seu cavallo, e acompanhando-me a pé por um caminho estreito, mas praticavel, que ia a dar, na distancia de legua e meia, em uma estrada real; e continuando por ella a nossa jornada, chegámos pelas dez horas ás Vendas-Novas, onde entrámos em uma pequena venda, e ambos almoçámos.

Ha abi um capellão, que soubemos tinha a incumbencia do cuidado, e governo do real paço: nós o procurámos, e perante elle o meu lavrador depôz fielmente, como eu lhe tinha aparecido no logar da sua morada, pelas nove horas da noite antecedente, e lhe contára a minha viagem aerea, e suas circumstancias; do que tudo o dito capellão me passou uma authenticá certidão, assignada por elle, e pelo lavrador, e que eu conservo para testemunhar quanto resiro.

Partimos das Vendas-Novas pelo meio dia, e ten-

do achado um carro cuberto, que por fortuna minha estava alli parado, e que se encaminhava para Aldegallega, aproveitei-me deste encontro, e por maior commodo o preferi á cavalgadura do meu amigo lavrador: jantámos em uma pousada, cujo nome me esqueceu, e continuando depois o nosso caminho, chegámos pelas onze horas da noite a Aldegallega, aonde parei, tanto para meu descanso, como para esperar, que a maré fizesse feição para poder vir para Lisboa.

Embarquei finalmente ás quatro horas da manhaã, e com uma feliz viagem; chegáei ás 7 horas da mesma manhaã ao caes do Terreiro do Paço, onde achei um grande numero de pessoas que me esperavam, e no meio de vivas de alegria me conduziram á minha habitação.

Estes signaes de verdadeiro contentamento, e o concurso contínuo de pessoas ainda das ordens mais respeitaveis, provam assaz os sentimentos, que produziu a minha viagem aerea, que tanto é mais famosa, quanto mereceu os aplausos de uma nação illustre, que pelo muito, que se empenha agora em honrar-me, tem adquirido incontrastaveis direitos ao meu reconhecimento, e eterna gratidão.

Esta a narração fiel da minha viagem, e dos seus successos: e posto que ella não contenha em si nada de extraordinario para os corações indiferentes, deve com tudo interessar as almas sensiveis, e compadecidas, que saberão estimar em seu justo valor as minhas fadigas, e os meus sofrimentos. Para estas pois é que eu escrevo, na certeza de que se não lhes merecer os seus louvores, conseguirei ao menos a sua compaixão, e o seu affecto, que é toda a minha ambição e o unico objecto desta pequena descrição. — Vicente Lunardi.

EM 14 de Março de 1819 repetiu-se em Lisboa o spectaculo da ascenção aerea, subindo n'um balão, Robterson filho, segundo as instruções de seu pai, Estevão Gaspar Robertson. O balão partiu da quinta da Ex.^{ma} Snr.^a condeça d'Anadia nesta cidade, e o joven aeronauta, depois de correr o perigo de cahir no mar, conseguiu emsim descer na serra de Cintra, a distancia d'uma milha da costa, junto de um outeiro á direita de Penha-Verde, ao lado de Galamares e proximo ao Rio das Maçaãs. — Robterson na sua Relação impressa no dito anno diz assim: — ... o balão tocou em terra ás quatro horas e meia da tarde (*tinha sahido ás duas e meia*). A velocidade do vento e por consequencia do globo era tão forte neste ponto que tendo deixado cahir a fateixa, a qual fez prezâ no mallo, arrebentou a amarra instantaneamente, não obstante ter sido a sua força experimentada por dois homens, a cujos esforços resistira: ficando outra vez livre o aerostato corria novamente á vontade do vento e aos saltos em direcção ao oceano, que já estava mui visinho; segurei-me então ao barquinho com todas as minhas forças para não perder o balão, em quanto alguém apparecesse para me soccorrer: lancei meste transe á terra o sacco de lastro que estava preso por uma corda, servindo-me este de segunda ancola. Realisou-se felizmente a esperança que tinha posto na Providencia, que tanto me ajudára, deparando-me alli o R.^{do} P.e Fr. Carlos da Conceição, religioso do convento dos capuchos, que se recolhia de exercer as obrigações do seu santo ministerio em um logar visinho, o qual assim que esteve ao meu alcance se apeou da sua cavalgadura e cor-

reu ousadamente a lançar-se sobre o sacco, que ia á garra, segurando-o com todas as suas forças e expondo-se ao perigo de ser arrastado pelo balão.»— A esta circunstancia deveu o mancebo o ficar com o balão, salvando-se do perigo: no dia immediato voltou a Lisboa com um attestado que requerera do Juiz de Fóra de Cintra.

AFRICA PORTUGUEZA.

Jornada pelo sertão em 1839.

NESTE anno de 1839 o Sr. João Francisco Garcia, 1.^o tenente de artilheria, atravessou por motivos de serviço de Benguela a Mossamedes. Por serem de muita importancia todas as noticias que respeitam ás nossas possessões africanas damos o officio em que o Sr. Garcia relata a sua viagem, de que obtivemos copia pela louvavel curiosidade de um nosso assinante: —

«III.^{mo} Sr.— Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. S.^a que, sabendo desta cidade a 19 de setembro passado, assim de dar cumprimento á comissão de que V. S.^a me encarregou, — de ir encontrar-me com a corveta Isabel, nas immediações de Cabo-Negro, depois de explorar sertões limitrophes d'aquelle ponto e bahia de Mossamedes; e conjuntamente com o commandante daquella embarcação, consultar sobre a possibilidade de naquelle costa se formar um estabelecimento commercial: cheguei a Quilengues a 28 do dito mez, e dalli parti para a Huila a 5 de outubro, onde cheguei a 12 do mesmo. Desde a minha chegada á Huila tratei logo de dispor ao soba dalli a dar-me auxilio para me transportar pelo interior do paiz até á costa, no que encontrei bastante repugnancia; com tudo á força de dadivas e razões, e pela antiga amizade que com aquelle soba tenho, pude a final conseguir o dar-me um macota e carregadores, para acompanhar um morador do paiz, do meu conhecimento e confiança, e pago á minha custa, até á costa, de donde, assim que chegassem, deveria tratar de procurar noticias da corveta, comunicar com ella, se lhe fosse possivel, e dar-me quanto antes todos os esclarecimentos e noticias que tivesse. Eu fiquei no entanto na Huila, não só por estar sofrendo das febres, mas tambem por me ser ainda vedado o progresso no paiz. Por esta occasião sube que no Iáu estava prezo, por certos crimes de feiticeria, um sobete por nome Loquengo, habitante da costa do mar, e como me ocorresse que este Loquengo poderia ser de alguma utilidade para meus fins, pelo logar que habitava, determinei o captiva-lo pela gratidão, fazendo-o soltar; o que pude conseguir pela influencia que o soba da Huila tem sobre o do Iáu, ainda que a bastante custo; porque estes crimes de feiticeria, causa mui frequente entre o gentio, é a maior parte das vezes um pretexto para os potentados espoliarem os mais fracos, e parece que, neste caso, o soba do Iáu ainda não estava satisfeito com o que tinha extorquido ao Loquengo. — Intimei a este sobete que, quando solto, queria que me acompanhasse até á sua terra, ao que assentiu: porem logo que se viu livre, tratou de quanto antes se pôr fóra do alcance do seu perseguidor, mandando-me dizer que não esperava por temer ser outra vez prezo; e que o poderia seguir na certeza de que me recommendaria pelo caminho, e que contasse com os seus bons officios lo-

go que chegassem á sua terra. — No entanto eu não cessava de solicitar a licença de ir pessoalmente até á costa, o que a final consegui, tendo alegado como o principal sim das minhas instancias, o terem dado á costa dois navios, e que por este motivo eu tinha sido mandado por terra para me juntar com a corveta que andava no mar, assim de pormos natal sitio uma pedra ou marca para que se não perdessem mais navios. — Parti da Huila no 1.^o de novembro ás 8 da manhã, chegando ás 3 da tarde á libata do soba de Iáu: entre estes dois pontos há tres leguas de um terreno mui fertil, banhado por um grande rio perenne, que corre a igual distancia das duas libatas, e em cujas margens pastam os gados dos dois povos. — Pelo soba do Iáu fui mui bem recebido e agasalhado a seu modo, prestando-se logo a promptificar carregadores e a nomear um macota que me guiasse, acompanhando-me o mesmo soba em todo o primeiro dia de marcha, que teve lugar no dia 4 de novembro, até á ultima libata de sua terra onde pernoitei. — No dia 3 levantei para o Quiácuto, descendo parte do grande despenhadeiro, que aqui faz o terreno e que olha para o sul; dormimos a causa de um terço da altura: do cimo desta altura sahe um pequeno rio que serpenteando pelo monte abaixo, se vem a perder da vista na planicie. Toda a encosta é cuberta de arvoredo carregado de urzela. A este monte, ou antes despenhadeiro chamam os do paiz a munda do Quiácuto: do cimo desta munda se goza de um golpe de vista maravilhoso, descubrindo-se todo o fertil e ameno territorio dos cubaes. No dia 4 acabei de descer a munda, que me custou um penoso dia de marcha, e por fim cheguei á baixa, terra de cubaes; paiz em geral plano em toda a sua extensão, que é mui considerável; semeado de montes e outeiros mais ou menos consideraveis, separados por valles e varzeas de grande fertilidade, onde os naturaes cultivam grande porção de massango, e algum milho que consomem mesmo verde, recolhendo o massango para o tempo das secas. A quantidade de gado vaccum e ovelhum neste distrito é immensa. Neste dia fiquei na libata de Mélequilungo, soba destes arredores, que mui bem me tratou, e me presenteou com bois e carneiros, tudo devido ás recomendações que a meu respeito tinha. Neste logar, que chamam o Quiácuto, soffri bastante incommodo. porquanto, os rapazes e creanças que, pela primeira vez viam um homem branco, tinham de mim tal medo, que mal por acaso me avistavam, partiam espavoridos, e se precipitavam aterrados por entre as pedras de que o logar abunda, com grande risco: o que obrigou o soba a ordenar-me que me conservasse dentro da cabana ou cobata, que apenas tinha duas varas de diâmetro e 2½ palmos quadrados d'abertura de porta, e que, quando quizesse sahir deste forno, deveria primeiramente fazê-lo saber, assim de dar aviso aos rapazes para se pôrem a salvo a tempo. — Ha aqui a fruta chamada mabóque, cuja apparencia exterior é exactamente a de uma laranja: a casca com tudo é mui dura, e partindo-se se encontra dentro uma polpa mui saborosa, um tanto acida e cheia de pevides miudas. — Já no distrito de Iáu, eu encontrei a figueira agreste, cujo fructo, é inteiramente igual ao figo da Europa em tudo, menos na grandeza, que excede a das maiores peras, e na arvore que os dá que é de mui avultadas dimensões: os naturaes lhe chamam círios, e os comem, na falta de outro mantimento, cosidos e desfeitos em polme ou malete. —

(Concluir-se-ha).